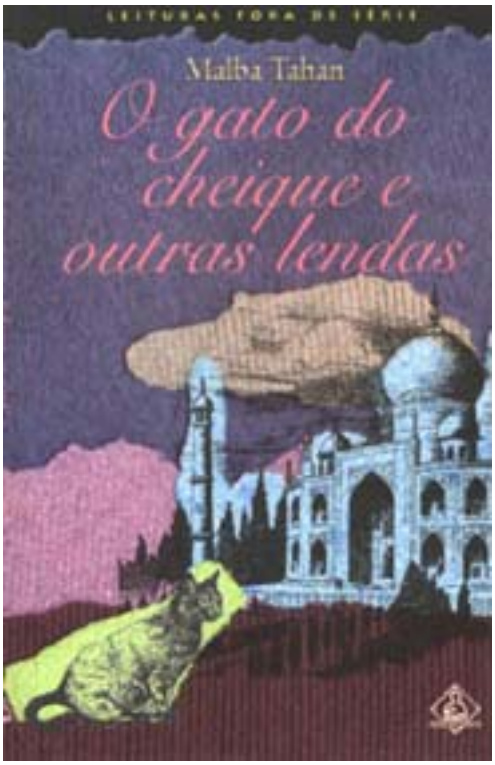

Malba Tahan

O Gato do Cheique e outras lendas

Ediouro Publicações S.A.
Textos extraídos do livro
Contos e Lendas Orientais,
Notas em “Dez Anos de Kest”: Naumim Aizen
ISBN 85-00-00240-9
Digitalizado, revisado e formatado por SusanaCap

Índice:

A Vida Mais Bem Vivida 2
Os Pastéis de Alcassim 9
O Gato do Cheique 13
O Sábio da Efelogia 16
O Leão Irritado 20
O Livro do Destino 25
Aprende a Escrever na Areia... 28
Dez Anos de Kest 31
O Problema dos 35 Camelos 39
A Ciência da Vida 42
O Santo Ladrão 48
As Quatro Esposas do Cheique 51
O Herdeiro Legítimo 57

A Vida Mais Bem Vivida

Todas as vezes que o Emir Motavakel-Billah dava audiência pública em seu luxuoso *divan,* acontecia algo de singular, isto é, ocorria um episódio qualquer surpreendente, digno de ser escrito e conservado nos anais do Califado.

E isso, afirmavam os funcionários do palácio, sucedia sempre. Era certo, era fatal. *Maktub!*[1]

Quando o soberano, naquele ano, depois do último dia da Lua de Ramadã [2], marcou a chamada

---

[1] *Maktub* - Estava escrito. Tinha que acontecer. Admite o fatalismo dos árabes que a nossa vida, com todas as suas peripécias, está escrita no *Livro do Destino. Maktub* é o particípio passado do verbo *Katb,* escrever.

[2] *Ramadã* - Período da Quaresma entre os muçulmanos.

Sessão da Plena Justiça, uma onda de curiosidade agitou os nobres e auxiliares da corte:

— Que iria acontecer? Que novo caso surgiria, de improviso, entre os nômades, cheiques [3], mercadores e caravaneiros?

E ficaram todos na expectativa: Aguardemos o que está para acontecer — diziam. A vida é uma sucessão de surpresas preparadas pelo Destino. Fugir ao Destino é impossível. *Maktub!*

Ora, naquele dia, exatamente, tudo correu com natural e decepcionante naturalidade. O Califa, seguindo a rotina enervante, ouviu as queixas (eram sempre as mesmas), atendeu aos solicitantes, socorreu várias pessoas que precisavam de auxílio urgente e determinou que fossem sanados certas irregularidades e abusos do serviço público. Já ia, afinal, o soberano árabe encerrar a sua fecunda e benemérita audiência e proferir o clássico *Inch'Allah!* (Assim quis Allah) quando o preclaro e prestigioso Welid ben Obeid, o vizir secretário, preveniu-o, respeitoso:

— Deveis, ainda, ó Rei!, ouvir o que deseja aquele desconhecido. Tenho a impressão de que se trata de um simples pescador que vive do outro lado do rio.

E apontou para um homem, de cara chupada, que se achava um pouco afastado, com uma cesta na mão, recostado a uma coluna. Trajava uma modesta *abaya* azulada.

— Sim, sim — assentiu com veemência o Califa, anediando a barba. — Vamos ouvi-lo. *Ouahyat*

---

[3] *Cheique* - Chefe. Homem de prestígio.

ennébi! Que pretenderá ele, nesta sessão?

A um sinal do vizir, o solicitante aproximou-se do Rei, proferiu a saudação clássica *(salam aleikoum!)* e disse, a seguir, com fervoroso respeito:

— Chamo-me Kalil, ou melhor, Kalil Iamam. Sou pescador e venho da aldeia de Suan, onde vivo com minha esposa e três filhos. A minha vinda hoje, a este *divan,* tem, apenas, um objetivo: moveu-me o desejo de oferecer pequeno e desvalioso presente ao nosso glorioso Emir! (Que Allah vos cubra de benefícios!).

E, depois de proferir tais palavras, o pescador colocou aos pés do Rei a cesta que trouxera com peixes. Mas (coisa curiosa!) a tal cesta não estava cheia. Longe disso. Tinha peixes só até à metade.

Ora, sempre que um pescador de Damasco, de Bagdad ou de qualquer outro recanto do Islã, oferece uma cesta de peixes ao Rei, esta cesta deve estar repleta, a transbordar de pescados. Assim determina a velha praxe; assim reza a tradição; assim é que é correto.

Sem se mostrar ofendido com a desatenção do ofertante, o Califa Motavakel-Billah olhou, com simpatia, para a cesta meio vazia; olhou, a seguir, também, com muita simpatia, para o pescador que se achava de pé, em atitude respeitosa, braços cruzados. Os seus trajes eram modestos, mas não se sentia nem desmazelo nem miséria; ostentava, em contraste com a *abaya* azulada, um turbante cinzento desbotado, tracejado de pequenos remendos; tinha o rosto escanhoado denegrido pelo Sol; os olhos escuros, cor de tâmara; testa larga; em idade deveria estar rondando a casa dos quarenta e sete ou quarenta e oito anos bem vividos.

Depois de ligeira pausa, o Rei tirou de pequena bolsa (das três que trazia presas ao cinto) e entregou-a ao pescador, dizendo com voz pausada e em tom paternal:

— Acabo de receber de ti, meu bom e atencioso amigo, uma cesta meio cheia; e em troca, para retribuir a essa gentileza, a essa expressiva fineza de tua parte, ofereço-te esta bolsa meio vazia!

O pescador, de relance, percebeu a intenção, o propósito astucioso do Rei; a bolsa continha moedas, mas essas moedas mal atingiam a metade da bolsa.

E o valioso Califa, preocupado em parecer original (a corte estava reunida e assistia à audiência), repetiu com certa ironia, acentuando bem as palavras:

— Estás vendo, ó pescador Iamam!, recebi de ti esta bela cesta meio cheia; e, em troca, ofereço-te esta modesta bolsa meio vazia!

— Por Allah! — volveu o pescador, com um sorriso ladino, quase instantâneo. — Pelos sete méritos do Profeta![4] Há um engano, ó Emir!, de vossa parte. Eu, sim, que vos ofereci uma cesta meio vazia; e recebo de vossas mãos, em troca, esta valiosa bolsa meio cheia.

E acrescentou com ênfase, vibrando a um súbito calor de emoção:

— A verdade deve ser dita e reconhecida, ó Rei! Aquele que dá, dá sempre a cesta meio vazia; aquele que recebe, recebe, sempre a bolsa meio cheia. Que

---

[4] *Profeta* - Refere-se a Mahomed, o fundador do Islamismo. Mahomed nasceu em 570 e faleceu em 632. É pelos árabes chamado *O Profeta.*

valem sete ou oito peixes? Uma lembrança... e nada mais. A dádiva, porém, de um Rei generoso e justo não é um simples presente, é um elogio!

Aquelas palavras, proferidas com tanto desembaraço e clareza, pelo pescador do turbante desbotado, surpreendeu o Califa dos árabes. Disse, então, Motavakel, dirigindo-se a seus vizires e secretários, num irreprimível espanto:

— *Ualahi na telabi!* Estão vendo? Este bom e modesto pescador tem a alma de filósofo! É um verdadeiro filósofo!

Sorriu o pescador e replicou com certa afoiteza:

— Perdão, ó Emir dos Crentes!, é muito natural que um pescador seja filósofo, pois sei de muitos filósofos que são pescadores.

Houve um momento de silêncio no largo *divan* do Rei. Vizires, cheiques e secretários, homens do estudo e do saber, surpreendiam-se com as réplicas oportunas e judiciosas do modestíssimo pescador de Suan.

— Filósofos pescadores? — estranhou o Califa — *Ouallah!*

E, voltando-se para o seu digno vizir Welid ben Obeid, que era um sábio, um verdadeiro *ulemá,* interpelou-o com assombro, incrédulo:

— E tu, ó esclarecido vizir!, que conheces os *Livros da Sabedoria,* os escritos dos *alfaquis,* os comentários do Profeta, tira-me desta dúvida: Julgas que esse pescador proferiu a verdade? Há filósofos que são pescadores? Não será isso uma fantasia desatada?

Welid ben Obeid, o sábio (que Allah o tenha entre os eleitos), inclinou-se diante do Rei e assim

falou (as suas palavras denunciavam certa emoção):

— A julgar por mim, ó Príncipe dos Crentes!, esse bom e honrado pescador disse a verdade. A pura verdade. Quando me sinto fatigado de ler e de ouvir os filósofos, de analisar, letra a letra, os ensinamentos dos Inspirados, as sentenças dos doutores, os *hadis* do Profeta, tomo de minha rede, dos meus apetrechos de pesca, e vou, com meu filho mais moço, até o rio fazer um pouco de pescaria. Procuro repouso, para o meu conturbado espírito, tornando-me pescador. A pesca é, para mim, tranqüilidade e paz. Esqueço, por momentos, os problemas torturantes da alma, as inquietações da Dúvida, e ponho-me a pescar. É uma delícia pescar. A vida passa e o pescador, absorto em sua faina, não sente o passar tristonho da vida! Em cada minuto de espera vive, o incansável e paciente pescador, um ano de intensas emoções. A vida mais vivida, ó Rei do Tempo!, não é a vida do filósofo, é a vida do pescador.

O eloqüente Welid ben Obeid, mestre entre os mestres, aclarou, com solene exaltação:

— Posso, pois, assegurar-vos, ó Emir!, que esse pescador disse a mais pura verdade. Há, realmente, pelos quatro cantos do mundo, filósofos que são pescadores. Volveu, então, o Califa:

— As tuas palavras, meu caro vizir, são como brincos preciosos de ouro puro para os meus ouvidos. Admito, agora, que esse pescador tenha dito a verdade. Aceito que um filósofo possa ser pescador. Sim, aceito e acredito. O que me parece estranho e inaceitável é que um pescador seja filósofo!

— Peço humildemente perdão, ó Emir! — acudiu por sua vez o pescador, com certa

desenvoltura — Mas nada há, nem pode haver, de estranho no fato de um pescador ser filósofo. Muitas e muitas vezes, quando me sinto cansado de pescar, o corpo dolorido pela faina, largo a minha pesada rede, as minhas linhas, a caixa com iscas, e vou até à Mesquita Otman ouvir as lições dos *ulemás* que ensinam Filosofia e debatem os graves problemas do Ser e do Não-Ser. Procuro repousar para a fadiga do meu corpo, tornando-me filósofo. A Filosofia é, para mim, tranqüilidade e paz. Esqueço, por um momento, os problemas e tropeços de minha vida de pobre, e ponho-me a filosofar. É uma delícia filosofar! A vida passa e o filósofo, enlevado em suas abstrações, não sente o passar inexorável da vida. Sinto aqui discordar do sábio analista Welid ben Obeid! A vida mais bem vivida, mais sentida, é a meu ver, não a vida serena do pescador, mas a vida intensa do filósofo!

— *Iallah!* — exclamou o Califa, esfregando as mãos, num petulante ar de inteligência. — Pela sombra da Caaba! É realmente curioso o que acabo de ouvir. O filósofo Welid ben Obeid, o sábio, descansa de seus estudos, pescando; o diligente pescador Kalil descansa de sua faina de pescador, estudando os altos problemas filosóficos!

E o Rei dos Árabes, depois de ligeira pausa, rematou com a mais afetuosa simplicidade:

— Já ouvi contar que Jesus, filho de Maria, quando quis escolher os seus primeiros discípulos foi procurá-los, não entre os filósofos, mas sim entre os pescadores. Que Allah, o glorificado, proteja os pescadores e esclareça os filósofos!

Vizires e escribas da corte comentavam:

— Já era de esperar! No final da audiência real, eis que ocorre o imprevisível: Um pescador humilde e pobre vira filósofo; um filósofo, rico, prestigioso,

sábio de renome, grão-vizir do Rei, vira pescador.

Maktub! (estava escrito!) Mas, afinal, a semente da dúvida estava lançada entre os sábios e doutores bagdalis:

— Quem tem a vida mais bem vivida? O pobre Iamam, o pescador, ou o rico Welid ben Obeid, o filósofo?

Dizia o douto Sibawaihi, o analista:

— A vida mais bem vivida terá aquele que viver na Paz, no Dever e no Amor, isto é, aquele que viver na Verdade de Deus!

Uassalam!

Os Pastéis de Alcassim

O velho Abdo Alcassim, pasteleiro em Kufa, homem generoso e bom, chamou um dia seu filho Elias e disse-lhe, apontando para uma cesta repleta de deliciosos pastéis:

— Aqui tens, nesta cesta, tão bem arrumada, trinta e dois pastéis de leite e canela. Estão saborosos. Seriam dignos da esposa do Sultão. Leva-os ao nosso honrado cadi[5] Ragi Zattar, que tão amável e correto tem sido para mim.

— Escuto e obedeço, meu pai — respondeu o jovem.

E partiu, no mesmo instante, para a casa do

---

[5] *Cadi* - Juiz. Magistrado.

prestigioso magistrado, levando o apetitoso presente.

Em meio do caminho, ao passar pela mesquita, o *rapaz* parou, colocou a cesta no chão, olhou demoradamente para os pastéis e disse de si para consigo:

— Logo que entregar estes trinta e dois belíssimos pastéis de leite e canela ao honrado cadi Ragi Zattar, ele, de acordo com a velha e delicada praxe, fará questão absoluta de me dar a metade. Sim, é isso mesmo, a metade. Ora, qual é a metade de trinta e dois? Qualquer mestre-escola diria logo: a metade de trinta e dois é dezesseis! É certo, portanto, que, destes trinta e dois pastéis, dezesseis serão forçosa-mente meus. Não há mal, portanto, que os coma agora mesmo.

E, tendo raciocinado deste modo, comeu dezesseis dos pastéis, deixando os outros no fundo da cesta.

Depois de caminhar mais algum tempo, o jovem parou novamente, colocou a cesta sobre um pedaço de muro em ruínas e assim refletiu:

— Levo agora dezesseis magníficos pastéis de leite e canela, feitos por meu pai, ao honrado cadi Zattar (que Allah, o Muito Alto, o cubra de incontáveis benefícios!). Logo que fizer a entrega da cesta, serei, por ele próprio, obrigado a aceitar a metade do conteúdo. O cadi, sendo um homem de bem, não deixará de cumprir com essa velha praxe. E qual é a metade de dezesseis? Ora, a metade de dezesseis (qualquer burriqueiro do deserto não o ignora) é oito! Logo, destes dezesseis belos pastéis, oito serão forçosamente meus. Não vejo inconveniente em comê-los desde já.

E, firmado nessa maneira de raciocinar,

devorou, o insaciável Elias, mais oito dos pastéis destinados ao cadi.

Logo adiante, graças a um raciocínio aritmeticamente idêntico aos anteriores, e sempre firmado na velha e delicada praxe, achou-se o peralvilho com o direito de comer mais quatro pastéis. E assim, de cada vez, comia metade dos pastéis que haviam ficado na cesta.

Quando chegou à casa do justo cadi Ragi Zattar, o magnífico presente do velho paste-leiro Alcassim estava reduzido a meio pastel.

— Que é isso? — perguntou o cadi, intrigado, ao receber a cesta, no fundo da qual aparecia um pedaço de pastel.

— É um presente de meu pai! — respondeu o pândego com a maior naturalidade. — É um presente do velho pasteleiro Abdo Alcassim ao seu amigo, o honrado cadi Ragi Zattar.

E contou, com a maior desfaçatez e sem-cerimônia, o raciocínio que várias vezes fizera para satisfazer sua gula nos pastéis destinados ao cadi.

Ao ouvir o minucioso relato da façanha, observou com serenidade o juiz de Kufa:

— Por Allah, meu jovem amigo! Sempre fui otimista na vida. Graças a tua maneira de proceder, inspirada na velha e delicada praxe, ainda ganhei meio pastel e vou saboreá-lo. Certo estou de que se fosse outro o mensageiro desse presente (que em boa hora me enviou o bondoso Alcassim) nem uma simples migalha chegaria às minhas mãos.

E já ia o cadi provar o meio pastel restante, quando o jovem protestou com um risinho petulante:

— Perdão, ó honrado cadi! Pelo nome do Profeta!

Desse meio pastel, que ficou na cesta, segundo a velha e delicada praxe, eu tenho pleno direito à metade. Não é assim?

— *Iallah!* — concordou, prontamente, o juiz — A tua observação é muito justa. Que distração a minha! Devo seguir, ainda desta vez, a velha e delicada praxe. Dentro das regras da perfeita fidalguia tens, realmente, direito à metade desta mísera metade!

E, dividindo ao meio o pequeno quinhão que recebera, entregou uma das partes ao velhaco, comendo a parte restante.

Depois de saborear, em silêncio, aquela minúscula metade da metade, o cadi assim falou com voz muito séria:

— Esse caso dos trinta e dois pastéis, meu amigo, vai ter um desfecho muito triste.

— Muito triste? Como assim?

— É fácil explicar — volveu o cadi, num tom vitorioso. — Teu pai, o velho Alcassim, deve ser severamente castigado. Castigado pela leviandade que praticou enviando, ao juiz de Kufa, um presente por um portador que não merecia confiança. Zombou da autoridade e, por esse crime, deve ser punido. Punido severamente!

— O honrado cadi vai castigar meu pai? — perguntou o birbante com ares de abstração palerma.

— Sim — confirmou com serenidade o cadi, elevando intencionalmente a voz. — Vou castigá-lo, como já disse. E castigá-lo com trinta e duas chibatadas.

E, depois de ligeira pausa, desfechou num

gesto largo, secamente:

— E serás tu mesmo, meu caro Elias, o portador destas trinta e duas chibatadas. Ora, é claro, é evidente, que podemos repetir, para as trinta e duas chibatadas (que envio a teu pai), o mesmo e perfeito raciocínio que fizeste (como portador) para os trinta e dois pastéis de leite e canela que teu pai a mim me enviou... E, sendo assim (de acordo com a velha e delicada praxe), terás direito a trinta e uma chibatadas e meia! E no fim, terás, ainda, a metade da metade! Não é assim? Mas como, na Aritmética das Punições, não é possível calcular meia chibatada, vais receber, no lombo, agora mesmo, as trinta e duas chibatadas que eu resolvi, por plena justiça, enviar, por teu intermédio, a teu pai!

E o honrado cadi, no mesmo instante, chamou dois guardas (dos mais violentos que estavam a seu serviço) e mandou aplicar uma surra impiedosa, de trinta e duas chibatadas, no filho do pasteleiro.

Bem diz o provérbio que os beduínos repetem todos os dias:

"O castigo de Deus está mais perto do pecador do que as pálpebras estão dos olhos". *Uassalam!*

O Gato do Cheique

Entre as lendas mais características do velho Egito, uma existe que merece ser contada sete vezes.

Vivia na cidade do Cairo um cheique de grande cultura chamado Calil El Modabighi, cujo nome aparecia sublinhado pela simpatia e pelo respeito que os muçulmanos soem emprestar aos sábios que

são generosos e modestos. Era um homem verdadeiramente feliz; a vida para ele corria sempre suave, em meio de invejável conforto e ritmada por uma prosperidade que crescia na ordem natural das coisas, dia para dia.

O bom cheique vivia isolado; possuía, porém, um gato preto pelo qual tinha particular predileção.

Uma noite, tendo despertado casualmente, ouviu o sábio um ruído estranho, junto à porta de sua casa, e viu, com infinita surpresa, o gato levantar-se, abrir cautelosamente a larga janela e perguntar:

— Quem bate?

Alguém, que estava fora, no meio da escuridão da rua, respondeu, com voz sucumbida:

— Venho em busca do teu auxílio, ó poderoso *djin!* Abre a porta.

Retorquiu o gato:

— Proferiram o nome de Deus, junto à fechadura, e eu sou fraco para vencer esse encanto!

— Atira-me, então, um pedaço de pão pela janela — implorou o misterioso pedinte. — Dá-me, ao menos, um pouco d'água.

— Proferiram o nome de Deus junto do jarro, e eu sou fraco para vencer esse encanto! — declarou ainda o gato.

E ajuntou:

— Na casa ao lado moram infiéis que não pronunciam nunca o nome de Deus. Entra por minha ordem na sala do vizinho e tira de lá o que quiseres.

E, isso dizendo, voltou para o leito, meteu-se entre as cobertas e pôs-se a dormir sossegado.

Compreendeu o cheique, com maior assombro, que o gato preto era um *djin,* isto é, um gênio dotado de poder sobrenatural, capaz de praticar feitos mágicos e prodigiosos, como fazem os espíritos bons que povoam o espaço.

No dia seguinte o honrado ancião, depois de acariciar longamente o seu gato, disse-lhe, carinhoso:

— Meu bom companheiro, ó gatinho do coração! Bem sabes quanto tenho sido teu amigo! Quero possuir um palácio...

Esquivou-se o gato das mãos de seu dono e saltou para o peitoril da janela. E, naquele mesmo tom com que à noite falara ao estranho visitante, disse:

— Cheique! A tua amizade, outrora tão preciosa, de hoje para o futuro perdeu, infelizmente, para mim, todo o valor! Descobriste o segredo de minha existência; já sabes o que sou! Passaste, pois, a ser meu amigo por interesse!

E, tendo proferido tais palavras, pulou para a rua, fugindo de casa e nunca mais voltou.

Desse dia em diante, a vida do velho cheique desandou por completo; e antes, talvez, que as águas lutulentas do Nilo invadissem pela segunda vez as terras era ele apontado como um dos homens mais infelizes do Cairo.

Perdera, por causa de sua louca ambição, o único amigo e protetor.

Na verdade, a mais sólida e perfeita amizade não resiste ao veneno sutil do interesse.

O Sábio da Efelogia

Durante a última excursão que fiz a Marrocos, encontrei um dos tipos mais curiosos que tenho visto em minha vida.

Conheci-o, casualmente, no velho hotel de Yazid El-Kedim, em Marráquexe. Era um homem alto, magro, de barbas pretas e olhos escuros; vestia sempre pesadíssimo casaco de astracã com esquisita gola de peles que lhe chegava até às orelhas. Falava pouco; quando conversava casualmente com os outros hóspedes, não fazia, em caso algum, a menor referência à sua vida ou ao seu passado. Deixava, porém, de vez em quando, escapar observações eruditas, denotadoras de grande, extraordinário saber.

Além do nome — Vladimir Kolievich — pouco se conhecia dele. Entre os viajantes que se achavam em "El-Kedim" constava que o misterioso cavalheiro era um antigo notável professor da Universidade de Riga, que vivia foragido por ter tomado parte numa revolução contra o governo da Letônia.

Uma noite estávamos, como de costume, reunidos na sala de jantar quando uma jovem escritora russa, Sônia Baliakine, que se entretinha com a leitura de um romance, me perguntou:

— Sabe o senhor onde fica o rio Falgu?

— O quê? rio Falgu?

Ao cabo de alguns momentos de baldada pesquisa, nos caminhos da memória, fui obrigado a confessar a minha ignorância, lamentável nesse

ponto, nunca tinha ouvido falar em semelhante rio, apesar de ter feito um curso completo e distinto na Universidade de Moscou.

Com surpresa de todos, o misterioso Vladimir Kolievich, que fumava em silêncio a um canto, veio esclarecer a dúvida da encantadora excursionista russa.

— O rio Falgu fica nas proximidades da cidade de Gaya na Índia. Para os budistas o Falgu é um rio sagrado, pois foi junto a ele que Buda, fundador da grande religião, recebeu a inspiração de Deus!

E, diante da admiração geral dos hóspedes, aquele cavalheiro, habitualmente taciturno e concentrado, continuou:

— É muito curioso o rio Falgu. O seu leito apresenta-se coberto de areia; parece eternamente seco, árido, como um deserto. O viajante que dele se aproxima não vê nem ouve o menor rumor do líquido. Cavando-se, porém, alguns palmos na areia, encontra-se um lençol de água pura e límpida.

E, com simplicidade e clareza peculiares aos grandes sábios, passou a contar-nos coisas curiosas, não só da índia, como de várias outras partes do mundo: falou-nos, por exemplo, minuciosamente, das “filazenes”, espécie de cadeiras em que se assentam, quando viajam, os habitantes de Madagáscar.

— Que grande talento! Que invejável cultura científica! segredou, a meu lado, um missionário católico, sinceramente admirado.

A formosa Sônia afirmou que encontrara referência ao rio Falgu exatamente no livro que estava lendo, uma obra de Otávio Feuillet.

— Ah! Feuillet, o célebre romancista francês! — atalhou ainda o erudito cavalheiro do astracã — Otávio Feuillet nasceu em 1821 e morreu em 1890. As suas obras, de um romantismo um pouco exagerado, são notáveis pela finura das observações e pela concisão e brilho do estilo!

E, durante algum tempo, prendeu a atenção de todos, discorrendo sobre Otávio Feuillet, sobre a França e sobre os escritores franceses. Ao referir-se aos romances realistas, citou as obras de Gustavo Flaubert: *Salambô, Madame Bovary, Educação Sentimental...*

— Não se limita a conhecer só a Geografia — acrescentou, a meia voz, o velho missionário. — Sabe também literatura a fundo!

Realmente. A precisão com que o erudito Vladimir citava datas e nomes e a segurança com que expunha os diversos assuntos não deixavam dúvida alguma sobre a extensão de seu considerável saber.

Nesse momento, começa uma forte ventania. As janelas e portas batem com violência. Alguns excursionistas, que se achavam na sala, mostraram-se assustados.

— Não tenham medo — acudiu, bondoso, o extraordinário Kolievich. — Não há motivo para temores e receios. Faye, o grande astrônomo, que estudou a teoria dos ciclones...

E depois de discorrer longamente sobre a obra de Faye passou a falar, com grande loquacidade, dos ciclones, avalanchas, erupções e de todos os flagelos da natureza.

Senti-me seriamente intrigado. Quem seria, afinal, aquele homem tão sábio, de rara e copiosa

erudição, que se deixava ficar modesto, incógnito, como simples aventureiro, numa velha e monótona cidade marroquina?

No dia seguinte, ao regressar da fatigante excursão aos jardins de El-Menara, encontrei-o casualmente, sozinho, no pátio da linda mesquita de Kasb. Não me contive e fui ter com ele.

— O senhor maravilhou-nos ontem com o seu saber — confessei respeitoso. — Não podíamos imaginar, com franqueza, que fosse um homem de tão grande cultura. Na sua Academia, com certeza...

— Qual, meu amigo! — obtemperou ele, amável, batendo-me no ombro — Não me considere um sábio, um acadêmico ou um professor. Eu pouco sei — ou melhor — eu nada sei. Não reparou nas palavras de que tratei? Falgu, filazenes, Feuillet, França, Flaubert, Faye, flagelo. Começam todas pela letra "F"! Eu só sei falar sobre palavras que começam pela letra "F"!

Fiquei ainda mais admirado. Qual seria a razão de tão curiosa extravagância no saber?

— Eu lhe explico — acudiu com bom humor o estranho viajante. — Sou natural de Petrogrado, e vivo do comércio do fumo. Estive, porém, por motivos políticos, durante dez anos nas prisões da Sibéria. O condenado que me havia precedido, na cela, em que me puseram, deixou-me como herança, os restos de uma velha enciclopédia francesa. Eu conhecia pouco esse idioma, e — como não tivesse em que me ocupar — li e reli, centenas de vezes, as páginas que possuía. Eram todas da letra "F". Desde então fiquei sabendo muita coisa, tudo, porém, sem sair da letra "F": fá, fabagela, fabela, fabiana, fabordão.

Achei curiosa aquela conclusão da original história do inteligente Kolievich — o negociante de fumo.

Ele era precisamente o contrário do famoso e venerado rio Falgu, da Índia. Parecia possuir uma corrente enorme, profunda e tumultuosa de saber; entretanto, sua erudição, que nos causara tanto assombro, não ia além dos vários capítulos decorados da letra "F" de uma velha enciclopédia.

Era, inquestionavelmente, o homem que mais conhecia a ciência que ele mesmo denominara "Efelogia"!

O Leão Irritado

Certa manhã o Rei Leão, depois de uma noite agitada por maus sonhos e terríveis pesadelos, acordou irritado.

Os animais, tomados de pânico, reuniram-se na grande floresta.

Que fazer? O Rei Leão está de mau humor, enfurecido! Como levar a tranqüilidade e a calma ao espírito do poderoso e invencível soberano?

— Tenho uma idéia — começou o prudente Camelo, dirigindo-se aos outros animais. — O Rei Leão gosta muito de ouvir contar lendas e histórias maravilhosas. Se um de nós for à sua presença e lhe relatar um caso original e interessante, estou certo de que ele se acalmará e a bondade lhe há de voltar ao coração.

— Quem, entretanto, terá a audácia de

aproximar-se do Rei Leão? — acudiu tristonho o Elefante — Qual de vocês conhece alguma história digna de ser ouvida por Sua Majestade?

— Nada mais fácil — retorquiu a Raposa, com trejeitos de orgulhosa. — Coragem não me falta, nem me há de faltar nunca! E se o curar-se o Rei depende apenas do relato de uma história, é-me facílimo aplicar-lhe o remédio. Conheço trezentas histórias, lendas e fábulas interessantíssimas que aprendi no decurso de longas viagens empreendidas pelo mundo. Uma dessas histórias há de, por força, agradar ao nosso impávido soberano e dissipar a agitação que maus sonhos lhe trouxeram.

— Muito bem! Muito bem! — conclamaram alegres os outros animais — Está resolvido o caso! Vamos ao palácio do Rei Leão!

Puseram-se todos a caminho, pavoneando-se, à frente da numerosa comitiva, a esperta Raposa, que sabia trezentas histórias!

No meio da jornada, porém, a Raposa parou repentinamente e assustada, a tremer, exclamou dirigindo-se aos companheiros:

— Meus queridos amigos, grande infortúnio acaba de ferir-me!

— Que foi? Que aconteceu? — indagaram todos aflitos.

— Das trezentas histórias que eu tão bem sabia esqueceu-me agora o fio de cem!

— Não te aflijas por isto — afirmaram os outros animais. — Duzentas histórias são suficientes. Uma delas há de, por força, agradar ao Rei e dissipar de seu espírito a agitação que maus sonhos lhe trouxeram.

E o cortejo novamente se pôs em marcha pela larga e verdejante estrada que conduzia ao palácio do soberano da floresta.

Momentos depois, quando já se ouviam nitidamente os urros atordoadores do Leão, a Raposa parou novamente e, ainda mais assustada, voltou-se para os que a acompanhavam dizendo-lhes com voz transformada:

— Amigos! Nova e terrível desgraça me vem surpreender!

— Que foi que te aconteceu, amiga Raposa? — acudiram pressurosos e em coro os companheiros.

— Das duzentas histórias que eu sabia na ponta da língua — balbuciou chorosa — de cem não me lembro mais!

— Não vai nisso grande mal, boa amiga — redargüiram os animais já duvidosos da segurança de tão apregoada memória. — Cem histórias dão de sobra! A metade desse número bastaria, por certo, ao próprio Sultão! Em cem casos de peripécias atraentes uma há de agradar ao Rei Leão e dissipar de seu espírito e agitação que maus sonhos lhe trouxeram.

E, isto dizendo, puseram-se novamente a caminho, levando por diante a Raposa, que parecia triste e abatida com o seu apoquenta-dor esquecimento.

Quando o cortejo — que engrossara consideravelmente com a adesão de muitos outros animais — chegava diante do palácio do Leão, a Raposa teve um desmaio e rolou desamparada pelo chão.

Reanimada, porém, pelos desvelos dos companheiros, reabriu os olhos e com voz

sucumbida confessou tremente:

— Que desgraça, meus amigos! Não sei como ocultar-lhes que já não me lembro das cem últimas histórias de que ainda há pouco me recordava tão bem!

A infanda revelação da Raposa causou entre os animais presentes verdadeira desolação. Que fariam eles? Como remediar a situação? Já sabiam todos — pelos urros mais fortes e mais freqüentes do Rei Leão — que Sua Majestade, exaltado e impaciente, se achava na sala do trono à espera do anunciado emissário que vinha trazer-lhe calma ao espírito agitado. Quem seria capaz, naquela grave emergência, de substituir a Raposa, atacada de tão forte acesso de amnésia?

O Chacal, prudente e sensato, sabedor do que acontecera à Raposa, reuniu os chefes do bando e disse-lhes:

— Meus camaradas! Sou, como bem sabeis, um animal rude e inculto! Tenho vivido sempre em soturnas grutas, isolado do mundo e dos poderosos. Aprendi, porém, com um velho mestre que tive nos primeiros anos de minha vida, uma história muito original, de que jamais me esquecerei. Estou certo de que, ao ouvir essa história, o nosso glorioso Rei Leão verá restituídas a calma e a tranqüilidade ao seu espírito conturbado.

— Vai, Chacal! — exclamaram os animais — Quem sabe se não conseguirás com tua bela narrativa salvar-nos da fúria vingativa do Rei Leão!

Animado pelos amigos e companheiros, o Chacal galgou resoluto as longas escadarias do rico palácio que abrigava o exaltado soberano.

A grande praça estava repleta. A população

inteira da floresta aguardava ansiosamente o desfecho da arriscada tentativa. Esperavam todos, a cada instante, ouvir os uivos de dor que o pobre Chacal expediria quando estivesse sendo esmagado pelas garras impiedosas do Leão.

Decorridos, porém, alguns momentos de angustiosa expectativa, viram todos, perplexos, abrirem-se as portas do régio palácio e surgir, na larga varanda, o Rei Leão, calmo e satisfeito, a saudar risonho, com amáveis meneios de sua lustrosa juba, os súditos reunidos a seus pés.

E para maior pasmo surgiu ao lado do temido Leão o abnegado Chacal, o peito escuro coberto de ricas medalhas e distintivos nobiliárquicos, a cintura envolta pela faixa dourada de ministro e conselheiro do Reino.

Os animais não se mexiam, de assombrados. Ninguém sabia explicar aquele espantoso mistério. Que teria contado o Chacal de tão extraordinário ao Rei Leão? Que história maravilhosa teria sido a que alterara tão radicalmente o gênio do monarca e fizera com que o seu narrador se tornasse digno de tão alta recompensa?

A curiosidade, mesmo entre os animais da floresta, é um fator da maior importância em todos os acontecimentos da vida.

O Camelo, que fora até então um dos mais íntimos do Chacal, não podendo refrear a ânsia que o espicaçava, aproximou-se, discreto, do novo vizir do Rei e perguntou-lhe respeitosamente:

— Ilustre ministro, dizei-me, peço-vos por favor, que história contastes ao nosso glorioso soberano?

— Amigo Camelo — respondeu bondoso o Chacal — o conto que narrei ao Leão nada tem,

realmente, de extraordinário. Aproximei-me do trono e contei-lhe, sem nada ocultar a peça que nos pregara a vaidosa Raposa! Sua Majestade achou-lhe muita graça e disse-me: — "É sempre assim, meu caro Chacal! É sempre assim! Longe de um rei violento e irritado todos se inspiram e apresentam idéias geniais! O verdadeiro talento e a verdadeira coragem só se revelam, porém, na ocasião exata e precisa ao defrontarem o risco e a ameaça".

O Livro do Destino

Certa vez — há muitos anos — quando voltava de Bagdad, onde fora vender uma grande partida de peles e tapetes, encontrei num caravançará, perto de Damasco, um velho árabe de Hedjaz que me chamou, de certo modo, a atenção. Falava agitado com os mercadores e peregrinos, gesticulando e praguejando sem cessar; mascava constantemente uma mistura forte de fumo e haxixe e, quando ouvia de um dos companheiros uma censura qualquer, exclamava, apertando entre as mãos o turbante esfarrapado:

— *Mak Allah!* ó muçulmanos! Eu já fui poderoso! Eu já tive o Destino nesta mão!

— É um pobre-diabo — afirmavam alguns. — Não regula bem do miolo! Allah que o proteja!

Eu, porém, confesso, sentia irresistível atração pelo desconhecido de turbante esfarrapado. Procurei aproximar-me dele discretamente, falei-lhe várias vezes com brandura e, ao fim de algumas horas, já lhe havia captado inteiramente a confiança.

— Os caravaneiros me tomam por doido — ele

me disse uma noite quando cavaqueávamos a sós. — Não querem acreditar que já tive nas mãos o Destino da humanidade inteira. Sim, senhor: o Destino do gênero humano.

Esbugalhei os olhos, assombrado.

Aquela afirmação insistente de que havia sido senhor do Destino era característica do seu pobre estado de demência.

O desconhecido, porém, que parecia não perceber os meus sustos e desconfianças, continuou:

— Segundo ensina o *Corão* — o *Livro de Allah* — a vida de todos nós está escrita — *Maktub!* — no grande Livro do Destino. Cada homem tem lá sua página com tudo o que de bom ou de mau lhe vai acontecer. Todos os fatos que ocorrem na Terra, desde o cair de uma folha seca até a morte de um califa, estão escritos — estão fatalmente escritos — no Livro do Destino!

E, sem esperar que o interrogasse, prosseguiu meneando a cabeça dolorosamente:

— Salvei das mãos do cheique Abu Dolak, depois de uma *razzia* terrível que esse impiedoso beduíno fizera num acampamento da tribo dos Morebes, um velho feiticeiro que ia ser enforcado. Esse feiticeiro, em sinal de gratidão, deu-me um talismã raríssimo que possuía uma pedra negra, pequenina, em forma de coração, encontrada, anos antes, dentro do túmulo de um santo muçulmano. E essa pedra maravilhosa permitia a entrada livre na famosa gruta da Fatalidade, onde se acha — pela vontade de Allah — o Livro do Destino. Viajei longos anos até o alto das montanhas de Masirah, para além do deserto de Dahna, a fim de alcançar a gruta encantada. Um djin — gênio bondoso que estava de

sentinela à porta — deixou-me entrar, avisando-me, porém, de que só poderia permanecer na gruta por espaço de poucos minutos. Era minha intenção alterar o que estava escrito na página de minha vida e fazer de mim um homem rico e feliz. Bastava acrescentar com a pena que eu já levava: — "Será um homem feliz, estimado por todos; terá muita saúde e muito dinheiro!" Lembrei-me, porém, dos meus inimigos. Poderia, naquele momento, fazer grande mal a todos eles. Movido pelos mais torpes sentimentos de ódio e de vingança, abri a página de Ali Ben-Homed, o mercador. Li o que ia suceder, no desenrolar da vida, a esse meu rival e acrescentei embaixo, sem hesitar, num ímpeto de rancor: — "Morrerá pobre, sofrendo os maiores tormentos!" Na página do cheique Zalfah el-Abari: — "Perderá todos os haveres. Ficará cego e morrerá de fome e sede no deserto!" — E, assim, sem piedade, ia ferindo e atassalhando todos os meus desafetos!

— E na tua vida? — indaguei, mirando-o com surpresa — Que fizeste, ó caravaneiro, na página que o Destino dedicara à tua própria existência?

— Ah, meu amigo! — atalhou o desconhecido, contorcendo as mãos, desesperado — Nada fiz em meu favor. Preocupado em fazer mal aos outros, esqueci-me de fazer o bem a mim próprio. Semeei largamente o infortúnio e a dor, e não colhi a menor parcela de felicidade. Quando me lembrei de mim, quando pensei em tornar feliz a minha vida, estava terminado o meu tempo. Sem que eu esperasse, me surgiu pela frente um *effrit* — gênio feroz — que me agarrou fortemente e, depois de arrancar-me das mãos o talismã, me atirou fora da gruta. Caí entre as pedras e, com a violência do choque, perdi os sentidos. Quando recuperei a razão, me achei ferido e faminto, muito longe da gruta, junto a um oásis do deserto de Omã. Sem o talismã precioso, nunca mais

pude descobrir o caminho da gruta encantada das montanhas de Masirah!

E concluiu, entre suspiros, com voz cada vez mais rouca e baixa:

— Perdi a única oportunidade, que tive, de ser rico, estimado e feliz!

Seria verdadeira essa estranha aventura?

Até hoje ignoro. O certo é que o triste caso do velho árabe de Hedjaz encerrava profundo ensinamento. Quantos homens há no mundo que, preocupados em levar o mal a seus semelhantes, se esquecem do bem que podem trazer a si próprios...

Aprende a Escrever na Areia...

Dois amigos, Mussa e Nagib, viajavam pelas longas estradas que recortam as tristes e sombrias montanhas da Pérsia. Eram nobres e ricos e faziam-se acompanhar de servos, ajudantes e caravaneiros.

Chegaram, certa manhã, às margens de um grande rio barrento e impetuoso. Era preciso transpor a corrente ameaçadora.

Ao saltar, porém, de uma pedra, Mussa foi infeliz e caiu no torvelinho espumejante das águas em revolta.

Teria ali perecido, arrastado para o abismo, se não fosse Nagib. Este, sem a menor hesitação, atirou-se à correnteza e livrou da morte o seu companheiro de jornada.

Que fez Mussa?

Ordenou que o mais hábil de seus servos gravasse na face lisa de uma grande pedra, que ali se erguia, esta legenda admirável:

Viandante:
Neste lugar, com risco da própria vida,
Nagib salvou, heroicamente, seu amigo Mussa

Feito isto, prosseguiram, com suas caravanas, pelos intérminos caminhos de Allah.

Cinco meses depois, em viagem de regresso, encontraram-se os dois amigos naquele mesmo local perigoso e trágico.

E, como se sentissem fatigados, resolveram repousar à sombra acolhedora do lajedo que ostentava a honrosa inscrição.

Sentados, pois na areia clara, puseram-se a conversar.

Eis que, por motivo fútil, surge, de repente, grave desavença entre os dois companheiros.

Discordaram. Discutiram. Nagib, exaltado, num ímpeto de cólera, esbofeteou, brutalmente, o amigo.

Que fez Mussa? Que farias tu, em seu lugar?

Mussa não revidou a ofensa. Ergueu-se e, tomando tranqüilo o seu bastão, escreveu na areia clara, ao pé do negro rochedo:

Víandante:

Neste lugar, por motivo fútil, Nagib injuriou, gravemente, seu amigo Mussa

Surpreendido com o estranho proceder, um dos ajudantes de Mussa observou respeitoso:

— Senhor! Da primeira vez, para exaltar a abnegação de Nagib, mandasses gravar, para sempre, na pedra, o feito heróico. E agora, que ele acaba de ofender-vos tão gravemente, vós vos limitais a escrever, na areia incerta, o ato de covardia! A primeira legenda, ó cheique!, ficará para sempre. Todos os que transitarem por este sítio dela terão notícia. Esta outra, porém, riscada no tapete de areia, antes do cair da tarde, terá desaparecido como um traço de espuma entre as ondas buliçosas do mar.

Respondeu Mussa:

— A razão é simples. O benefício que recebi de Nagib permanecerá, para sempre, em meu coração. Mas a injúria... essa negra injúria... escrevo-a na areia, como um voto, para que, se depressa daqui se apagar e desaparecer, mais depressa, ainda, desapareça e se apague de minha lembrança!

* * *

Eis a sublime verdade, meu amigo! Aprende a gravar, na pedra, os favores que receberes, os benefícios que te fizerem, as palavras de carinho, simpatia e estímulo que ouvires.

Aprende, porém, a escrever, na areia, as injúrias, as ingratidões, as perfídias e as ironias, que te ferirem pela estrada agreste da vida.

Aprende a gravar, assim, na pedra; aprende a escrever, assim, na areia... e serás feliz.

Dez Anos de Kest

Interessante seria, meu amigo, começar este conto, à maneira dos clássicos israelitas, citando cinco ou seis pensamentos admiráveis, colhidos nas Páginas do Talmud[6]. Como recordar-me, porém, dos trechos mais belos da Antologia Hebraica, quando é fraca, incerta e claudicante a minha memória? Vem-me, apenas, à lembrança um velho provérbio muito citado pelos judeus russos: "Quando o homem é feliz, um dia vale um ano".

A verdade contida nesse aforismo é indiscutível. E a história, que a seguir vou narrar, poderá servir para ilustrar a minha asserção.

Vivia em Viena, há mais de meio século, um jovem chamado David Kirsch, filho de um *malamed*[7], homem prudente e sensato. David Kirsch adornava o seu espírito com uma qualidade bastante apreciável: não ousava tomar resolução alguma de certa relevância sem se sentir esclarecido e orientado pelos conselhos dos mais velhos. Quando pensou em casar-se, ouviu de seu pai a seguinte recomendação:

— Cabe-me dizer-te, meu filho, que deverás

---

[6] *Talmud* e *Pentateuco* são dois livros tradicionais para os judeus. O *Talmud* é uma coleção de leis, tradições e costumes dividida em duas partes: o *Michma* e o *Gemara.*

[7] *Malamed* - Professor.

evitar qualquer casamento, quando do casamento resultar aproximação, por parentesco, com um roiter-id[8].

E acrescentou com a prudência que a longa experiência da vida só ensina aos homens:

— Se algum dia, porém, por uma fatalidade, caíres nas garras de um roiter-id, procura, sem demora, o auxílio de outro roiter-id!

Quis o jovem David, com grande empenho, conhecer, mais por curiosidade do que por outro motivo, a razão de ser daquele curioso conselho, mas o velho *malamed* recusou-se terminantemente a dar, sobre o caso, qualquer explicação, alegando que tinha, para assim proceder, motivos que de consciência não poderia revelar.

Algumas semanas depois, o jovem David Kirsch foi procurado por um *schatachhen,* isto é, por um agenciador de casamentos.

Trocadas as saudações habituais — Scholem Aleichem! Aleichem Scholem — o *schatachhen* assim falou:

— Como sei que pretendes resolver do melhor modo possível o problema do teu futuro, com a escolha de uma companheira digna, quero informar-te de que obtive para o teu caso uma solução admirável. A noiva que tenho em vista é formosa, de família honestíssima e, além do mais, muito culta e prendada.

— E o dote? — indagou David grandemente interessado.

---

[8] *Roiter-id* - Judeu vermelho.

— Quanto ao dote — explicou logo o schatachhen, com um sorriso que traduzia o orgulho de bom profissional — está combinado que será de mil coroas e terás ainda dez anos de “kest”!

— Dez anos de kest?! — repetiu David — Mas isto é espantoso, inacreditável!

Sou forçado a interromper a presente narrativa para dar ao leitor não-judeu, isto é, ao meu amigo *gói* [9] , um esclarecimento que me parece indispensável.

O “kest” é costume tradicional entre os judeus. O pai da noiva, além do dote (que é de uso também entre os cristãos), concede ao genro, a título de auxílio para iniciar a vida, a permissão de viver, durante algum tempo, em sua casa, sem fazer a menor despesa, quer com a alimentação, quer mesmo com o vestuário.

Esse período, durante o qual o pai da jovem toma a seu encargo a subsistência completa dos recém-casados, é denominado “kest” e, em geral, varia de um a três anos.

Para um jovem egoísta, sem ânimo para a vida, pouco inclinado ao trabalho, a oferta de um “kest” prolongado constitui uma isca irresistível. Era esse, precisamente, o caso de David Kirsch, indolente como um falso mendigo, amigo da boa vida e do feriado permanente.

Dez anos de “kest”?

Um judeu sensato não poderia hesitar. A cerimônia do noivado, com a clássica apresentação

---

[9] *Gói* - Apelido com que os judeus, em geral, designam um indivíduo que não é judeu.

das famílias, foi marcada para alguns dias mais tarde.

Quando David Kirsch foi levado à presença de sua noiva, ficou maravilhado: o *schatachhen* não o havia iludido pintando com as cores vivas do exagero os encantos da noiva prometida. A menina era uma judia realmente graciosa, e os dez anos de "kest" emprestavam-lhe ao olhar, ao sorriso e aos lábios todos os ímãs inconcebíveis da beleza. Rebla, a filha do Rei de Gorner, não parecia mais encantadora aos olhos do grande Salomão!

Dolorosa foi, porém, a surpresa do noivo judeu, ao defrontar, pela primeira vez, com seu futuro sogro. Era o velho um tipo perfeito e inconfundível de *roiter-id!*

Naquele momento recordou-se David, com pavor, do conselho que a prudência paterna lhe ditara: "Evitar qualquer aproximação, pelo casamento, com um *roiter-id!"* Mas, que fazer naquela dependura? A sua palavra estava dada; ademais, acima de qualquer compromisso, os dez anos de "kest" constituíam um argumento irrespondível diante do qual desapareciam todos os motivos que militavam contra o consórcio que se lhe afigurava tão promissor.

Pouco tempo depois realizou-se o enlace nupcial e o jovem passou a viver, com sua adorada esposa, o seu período de "kest" em casa do rico roiter-id.

— Esse judeu vermelho — pensou David, desconfiado com o caso — alguma peça prepara contra mim. Custa-me acreditar que ele mantenha a sua promessa dos dez anos de "kest". Naturalmente aqui, em sua casa, terei um tratamento tão vil e humilhante que nem mesmo um cão seria capaz de

aturar, e ao fim de dois ou três meses, é certo, serei forçado pela situação a procurar outro pouso e trabalho. Alguma coisa desagradável o meu sogro já planejou contra mim!

Com grande espanto, entretanto, o jovem David verificou que o pai de sua esposa era de um feitio que desmentia por completo seus temores e desconfianças. O roiter-id mostrava-se delicado e afetuoso e dispensava ao seu novo genro um tratamento principesco: fazia multiplicar os pratos saborosos nas refeições, proporcionava-lhe passeios agradabilíssimos, dava-lhe roupas finas e enchia-o de presentes valiosos.

— Meu pai não tinha razão — meditava o jovem, refletindo sobre a vida regalada e invejável que desfrutava em casa de seu sogro. — Que outro marido poderá ser mais feliz do que eu? Rivekelê [10], a minha esposa, é encantadora; por longo prazo, sem o menor trabalho ou contrariedade, terei, nesta casa, mesa sempre lauta, agasalho, carinho e consideração!

Ao cabo de alguns dias, o velho roiter-id chamou o indolente marido de sua filha e interpelou-o muito sério:

— Dize-me, ó David! És na verdade feliz na tua nova situação de homem casado e chefe de família?

— Muito feliz, meu sogro — confirmou o jovem. — Sinto-me, aqui, incomparavelmente feliz!

— Se assim é — tornou gravemente o judeu vermelho —, o teu “kest” está terminado!

— Terminado o meu “kest”? — perguntou

---

[10] Rivekelê – apelido carinhoso.

atônito o marido parasita — Mas se eu estou casado há pouco mais de uma semana! Como pode ser isto?

— Como pode ser? — repetiu o sogro num tom muito sério — Nada mais simples. Estás casado com minha filha há dez dias. Bem sabes que "para um homem feliz, um dia vale um ano". Logo, de acordo com esse tradicional provérbio, estás casado há dez anos! Amanhã, portanto, levarás de minha casa tua esposa e irás para a tua residência. Creio que deverás, também, procurar um emprego, um meio qualquer de vida, pois de mim já recebeste o necessário auxílio, o dote e o "kest" prometidos.

Diante da imposição do sogro, sentiu-se o nosso herói preso de grande furor. Quis apresentar argumentos que militavam em seu favor, mas o astucioso *roiter-id* manteve-se intransigente e não houve como levá-lo a reconsiderar a resolução que havia tomado, insistindo em afirmar que nada fazia senão atender a verdade contida no provérbio "Quando o homem é feliz, um dia vale um ano".

David Kirsch não se conformava com a idéia de ser obrigado a trabalhar para viver; e a situação a que fora, de repente atirado, envenenou-lhe o espírito com todas as toxinas do rancor. Tinha sido, a seu ver, indigno o procedimento do pai de Rivekelê. Prometera-lhe, sob palavra, dez anos de "kest", e depois, por evidente má fé, baseando-se num idiota brocardo judeu, reduzia o prazo a dez dias! Que tratante! Era um grande velhaco o roiter-id! Quando o interesse estava em jogo, sabia transformar um provérbio em lei social!

— Meu pai tinha razão — murmurou David. — Pratiquei uma imprudência muito séria, fazendo-me surdo aos conselhos daquele que, melhor do que eu, deve conhecer a vida e os filhos de Israel!

E, resolvido a não incidir mais uma vez no erro, o jovem, recordando-se da segunda parte do conselho paterno, foi, nesse mesmo dia, procurar um conhecido seu, chamado Elias Bloch, também judeu vermelho, e pediu-lhe que indicasse um meio que o permitisse sair da situação crítica em que se encontrava. O inteligente Elias Bloch atendeu com amabilidade o jovem David e, depois de ouvir o minucioso relato da burla do "kest", respondeu pachorrentamente:

— Não vejo dificuldade alguma em resolver o teu caso. Irás amanhã à casa de teu sogro, e, se seguires minhas instruções, sairás vencedor nesse litígio.

No dia seguinte, David Kirsch, tendo nas mãos um exemplar do *Torah*[11] — que é o *Livro da Lei* entre os hebreus — foi ter à rica vivenda do seu astucioso sogro.

Depois de saudar o velho *roiter-id* com certa reserva e cerimônia, como se as relações entre ambos estivessem profundamente abaladas, assim falou:

— Por motivo muito grave sou forçado a vir agora à sua presença. Vou divorciar-me!

Divórcio![12] Essa palavra para a família judaica

---

[11] *Torah* - em sentido amplo "lei", "ensinamento". Em sentido mais restrito designa o *Torah*, o conjunto da lei, escrita e oral, isto é, a Bíblia, a *Mischner* e o *Talmud*. Em linguagem corrente pode designar apenas o *Pentateuco* que é o *Torah* de Moisés.

[12] *Divórcio* - É interessante indagar como foi o problema do divórcio encarado pelos sábios israelitas que compuseram o *Talmud.* Vale a pena sublinhar, no famoso *Livro da Lei,* este pensamento admirável: "Quando uma esposa é repudiada

representava uma calamidade só comparável às maiores calamidades.

— Estás louco, rapaz! — desdenhou o velho com um sorriso meio amarelo — Bem sabes que o divórcio só pode ser obtido segundo a lei de Moisés. Que motivo poderá ser aduzido para justificativa dessa nódoa infamante que pretendes lançar contra a minha família?

— Tenho a Lei a meu favor — reagiu com altivez o moço. — Vivi, como o senhor mesmo declarou, em sua companhia, os dez anos de "kest". Os doutores e rabis não ignoram que o *Livro da Lei de Moisés* — o *Torah* — diz com a maior clareza: "Quando a mulher não concebe ao fim de dez anos, o marido pode requerer o divórcio". Ora, eu estou casado há dez anos e não tenho filhos; cabe-me, portanto, segundo a Lei, o direito de repudiar minha esposa!

— Que brincadeira é essa, meu filho? — apaziguou o *roiter-id,* abraçando amavelmente o genro — Afastemos de nós as idéias tristes, pois já não foi pequeno o susto com que abalaste meu coração de pai. Fizeste mal em tomar a sério o meu gracejo sobre o tal provérbio dos dias felizes, e, se assim é, fica o dito pelo não-dito. Se eu prometi dez anos de "kest", é certo que poderás viver todo esse tempo em minha casa!

E concluiu, com orgulho, passando a mão lentamente pelos cabelos avermelhados: — Jamais deixei, menino, como um bom judeu, de cumprir a palavra dada!

---

pelo marido, um estremecimento de horror agita a terra inteira".

O Problema dos 35 Camelos

Poucas horas havia que viajávamos sem interrupção, quando nos ocorreu uma aventura digna de registro, na qual meu companheiro Beremis, com grande talento, pôs em prática as suas habilidades de exímio algebrista.

Encontramos, perto de um antigo caravançará[13] meio abandonado, três homens que discutiam acaloradamente ao pé de um lote de camelos.

Por entre pragas e impropérios gritavam possessos, furiosos:

— Não pode ser!

— Isto é um roubo!

— Não aceito!

O inteligente Beremis procurou informar-se do que se tratava.

— Somos irmãos — esclareceu o mais velho — e recebemos, como herança, esses 35 camelos. Segundo a vontade expressa de meu pai, devo receber a metade, o meu irmão Hamed Namir uma terça parte e ao Harim, o mais moço, deve tocar apenas a nona parte. Não sabemos, porém, como dividir dessa forma os 35 camelos e a cada partilha proposta segue-se a recusa dos outros dois, pois a metade de 35 é 17 e meio. Como fazer a partilha se a terça parte e a nona parte também não são exatas?

---

[13] *Caravançará* - Refúgio construído pelo governo e por pessoas piedosas à beira do caminho, para servir de abrigo aos peregrinos. Espécies de "rancho" de grandes dimensões em que se acolhiam as caravanas.

— É muito simples — atalhou “o homem que calculava”. Encarrego-me de fazer, com justiça, essa divisão, se permitirem que eu junte aos 35 camelos da herança, este belo animal que, em boa hora, aqui nos trouxe.

Neste ponto, procurei intervir na questão:

— Não posso consentir semelhante loucura! Como poderíamos concluir a viagem, se ficássemos sem o camelo?

— Não te preocupes com o resultado, ó bagdali! — replicou-me em voz baixa Beremis — Sei muito bem o que estou fazendo. Cede-me o teu camelo e verás no fim a que conclusão quero chegar.

Tal foi o tom de segurança com que ele falou que não tive dúvida em entregar-lhe o meu belo “jamal”[14], que, imediatamente, foi reunido aos 35 ali presentes, para serem repartidos pelos três herdeiros.

— Vou, meus amigos — disse ele, dirigindo-se aos três irmãos — fazer a divisão justa e exata dos camelos que são agora, como vêem, em número de 36.

E, voltando-se para o mais velho dos irmãos, assim falou:

— Deverias receber, meu amigo, a metade de 35, isto é, 17 e meio. Receberás a metade de 36 e, portanto, 18. Nada tens a reclamar, pois é claro que saíste lucrando com esta divisão!

E, dirigindo-se ao segundo herdeiro, continuou:

---

[14] *Jamal* - Uma das muitas denominações que os árabes dão ao camelo.

— E tu, Hamed Namir, deverias receber um terço de 35, isto é, 11 e pouco. Vais receber um terço de 36, isto é, 12. Não poderás protestar, pois tu também saíste com visível lucro na transação.

E disse, por fim, ao mais moço:

— E tu, Harim Namir, segundo a vontade de teu pai, deverias receber uma nona parte de 35, isto é, 3 e tanto. Vais receber uma nona parte de 36, isto é, 4. O teu lucro foi igualmente notável. Só tens a agradecer-me pelo resultado!

E concluiu:

— Pela vantajosa divisão feita entre os irmãos Namir — partilha em que todos três saíram lucrando — couberam 18 camelos ao primeiro, 12 ao segundo e 4 ao terceiro, o que dá um resultado (18 + 12 + 4) de 34 camelos. Dos 36 camelos, sobram, portanto, dois. Um pertence, como sabem, ao bagdali, meu amigo e companheiro, outro toca por direito a mim, por ter resolvido, a contento de todos, o complicado problema da herança!

— Sois inteligente, ó estrangeiro! — exclamou o mais velho dos três irmãos — Aceitamos a vossa partilha na certeza de que foi feita com justiça e eqüidade!

E o astucioso Beremis — o “homem que calculava” — tomou logo posse de um dos mais belos “jamales” do grupo e disse-me entregando-me pela rédea o animal que me pertencia:

— Poderás agora, meu amigo, continuar a viagem no teu camelo manso e seguro! Tenho outro, especialmente para mim!

E continuamos nossa jornada para Bagdad.

Naquele ano um acontecimento inesquecível perturbou a secular tranqüilidade da pequena vila de Anadir.

Assinalemos o caso. O jovem e talentoso Namedin, filho do cheique Omar Iruã, depois de longa ausência, regressava ao seu torrão natal, trazendo o diploma que lhe fora conferido pela famosa Universidade de Bagdad.

E o inteligente Namedin não perdera tempo na capital; segundo o dizer das pessoas cultas, era o nosso herói motivo de orgulho para a sua terra, e de glória para a sua família. Aprendera, durante seis anos, com sábios muçulmanos, a ciência imensa que vem nos livros. Estudara, além do mais, a Filosofia, a Matemática cheia de fórmulas, a Lógica com seus belos princípios, a Retórica, a Astronomia e vários outros ramos fecundos do conhecimento humano.

O rico cheique Omar Iruã, figura de relevo na cidade, proclamava com paternal vaidade aos amigos:

— Meu filho, senhores, pela cultura incomparável que possui, é capaz de discutir trinta dias com os *"ulemás"* do Egito e da Palestina!

Ulemá — como todos sabem — é sinônimo de homem que se destaca pelo saber e pelo estudo. E pouco faltava para que Namedin, apesar de sua juventude, fosse con¨sagrado pelos seus concidadãos com o honroso título de "ulemá".

E em Anadir, afinal desde a mesquita até o *hamã*[15] não se comentava outra coisa. As lendas mais espantosas brotavam no meio das rodas que palestravam. Dizia um que Namedin conhecia os cento e trinta mil segredos do Corão; garantia outro que o jovem sabia de cor todas as páginas de Ibn Batuta, o sociólogo; afirmava um terceiro que o mancebo resolvia equações e fazia cálculos com letras. E não havia, é certo, muito exagero nessas indicações. O recém-formado era douto entre os mais doutos.

Ao cair da tarde, em meio dos festejos, o cheique Omar Iruã chamou o jovem bacharel e disse-lhe:

— A tua fama, meu filho, deslumbra e assombra a nossa pequenina terra. É preciso porém que, em prova pública, possas justificar o alto conceito em que és tido pelos nossos conterrâneos.

— Que devo fazer, meu pai? — perguntou ele.

— Nada mais simples — explicou o velho. — Hoje, à noite, depois da prece, haverá uma reunião na mesquita. Lá estarão presentes os homens mais ricos de Anadir e também o nosso venerável mufti Abdel-Anurek Ben-Abdallah com seus conselheiros, cadis e secretários. Farás, nessa ocasião, um eloqüente discurso no qual demonstrarás que és um conhecedor profundo da verdadeira Ciência da Vida. Com esse discurso deverás impressionar principalmente o mufti, nosso ilustre chefe e judicioso amigo.

— Assim farei, meu pai — volveu com segurança o moço. — Asseguro-te que o povo ficará

---

[15] *Hamã* - Casa de banhos.

deslumbrado com as minhas arrebatadoras palavras.

E, nessa mesma noite, realizou-se na mesquita a reunião solene. Ao templo compareceram os elementos mais representativos da sociedade muçulmana: cheiques com seus turbantes de seda, ricos mercadores, escribas, doutores etc.

O jovem Namedin, ao subir para a tribuna que lhe fora destinada, com um rápido olhar examinou o público que ia ouvi-lo. Avistou logo o velho mufti[16], imponente, com suas veneráveis barbas derramadas sobre o peito.

Ditas as palavras do ritual: "Em nome de Allah, Clemente e Misericordioso", o nosso herói iniciou um vibrante discurso de apresentação.

Discorreu, a princípio, sobre os grandes movimentos sociais dos povos civilizados, impelidos pelas correntes irresistíveis do modernismo. Pintou, com as cores vivas da eloqüência, o panorama da vida arrebatada pelos fatores mais complexos das tendências sociais.

— Por Allah! Que talento! — murmuravam os ouvintes.

— E, amigos — continuava o jovem orador arrastado por um entusiasmo sempre crescente — o mundo, queiram ou não queiram os espíritos tacanhos, marcha para a frente levado por um ideal invencível de aperfeiçoamento. E a nossa infeliz Anadir fica imóvel, abandonada à margem do progresso, como se fora uma cidade morta e esquecida. E quereis saber por quê? Eu vos direi a verdade. O governo desta terra está entregue ao

---

[16] *Mufti* — Espécie de prefeito e juiz. O mufti era encarregado do governo de uma cidade.

velho mufti, homem decrépito, incapaz de compreender as tendências modernas da sociedade. Como pode um espírito rotineiro inculto, arcaizante, admitir as transformações impostas pelo progresso? Jamais há de prosperar uma cidade cujos destinos estão nas mãos de um ancião sem a indispensável energia e sem a necessária capacidade administrativa.

Essas palavras, que feriram o homem de maior prestígio na cidade, causaram aos muçulmanos um escândalo nunca visto.

O mufti ouviu impassível a parlenda do moço como se nada tivesse compreendido; fez, apenas, um ligeiro sinal com os olhos a um de seus auxiliares e este murmurou:

— Logo, ao sair, veremos.

E quando Namedin, orgulhoso pela sensação causada, deixava a mesquita, foi de súbito agarrado por três capangas e espancado impiedosamente.

A sova foi tão violenta que o imprudente perdeu os sentidos e teve de ser carregado por alguns amigos para a casa de seus pais.

Muitos dias depois, quando já se achava convalescente dos ferimentos recebidos, falou ao pai e queixou-se do procedimento indigno do mufti que fora o mandatário da bárbara agressão.

Disse-lhe, então, o velho cheique: — O mufti assim procedeu, meu filho, por um motivo muito justo. Ele quis mostrar que, apesar do curso de seis anos que fizeste na Universidade, ainda ignoras, por completo, a Ciência da Vida. Vais, portanto, por minha ordem, voltar novamente para Bagdad e estudarás mais um ano com os sábios filósofos. Veremos depois se findo esse novo prazo terás

adquirido os conhecimentos indispensáveis sobre a verdadeira Ciência da Vida.

* * *

Namedin, obrigado a obedecer à resolução paterna, voltou para Bagdad e durante vários meses freqüentou os cursos da Universidade.

Quando regressou outra vez ao seu torrão natal foi festivamente recebido por seus antigos camaradas.

Houve, como da primeira vez, sob a presidência do mufti, uma grande reunião na mesquita e o jovem Namedin foi convidado a proferir um discurso.

Ao tomar lugar na tribuna, o nosso herói avistou a figura imponente do mufti que, rodeado de seus íntimos, aguardava, como da outra vez, solene, a palavra do orador.

Namedin, em longos e eloqüentes períodos, fez o elogio do povo-fiel de sua terra natal que ele qualificou de "próspera e progressista". Falou, em seguida, da figura do mufti, esse ancião venerável, "modelo de virtudes", "cheique dos cheiques", "amparo da justiça", "inspirado de Allah" e mil outros elogios que deixaram o mufti sensibilizado e comovido.

E, com um brilho incomparável, Namedin assim falava:

— E devo dizer ainda, ó irmão dos árabes!, que o nosso glorioso mufti pelas suas excelsas virtudes, pela sua vida exemplar e digna, é um verdadeiro santo! E qual é a homenagem que os fiéis muçulmanos devem prestar aos grandes santos do Islã? Determina o *Corão, o Livro de Deus:* "Conservai

dos homens dignos os bons exemplos e venerai as suas relíquias". Cumpre-nos, pois, como um dever sagrado, conservar do nosso santo mufti uma relíquia qualquer. E das relíquias dos santos as mais preciosas são constituídas pelos fios de barba. Que cada um dos fiéis conserve do nosso virtuoso mufti um fio de suas veneráveis barbas.

E, depois de proferir tais palavras, o jovem Namedin desceu da tribuna, dirigiu-se ao mufti, inclinou-se respeitoso e com a ponta dos dedos arrancou delicadamente um fio das longas barbas do ancião.

O mufti, lisonjeado em sua vaidade em face da extraordinária homenagem, agradeceu e abraçou risonho o nosso herói.

O exemplo de Namedin foi logo seguido por várias pessoas que se achavam perto. Ao fim de alguns minutos, verdadeira legião de fanáticos atirava-se sobre o velho mufti que se sentia puxado pelas barbas e maltratado pelos seus devotados servos. Os fiéis faziam empenho em obter uma relíquia do "santo".

Com o rosto a sangrar e as vestes em farrapos, conseguiu o mufti fugir dos exaltados muçulmanos.

E o inteligente Namedin rejubilava-se da lembrança que tivera.

Estava vingado da sova tremenda que um ano antes recebera por ter sido sincero.

E, nessa noite, seu pai disse-lhe orgulhoso:

— Agora sim, meu filho, já conheces perfeitamente a verdadeira Ciência da Vida.

O Santo Ladrão

Certa vez, no interior da Índia, um ladrão aproveitando-se da escuridão da noite, tentou assaltar a casa de um rico senhor.

Sentindo-se percebido, fugiu para um bosque vizinho e ficou escondido sob uma árvore, de onde via, de quando em vez, avermelhados clarões que surgiam nas trevas. Eram os criados do ricaço que o procuravam, com grandes tochas, pesquisando todos os recantos do bosque.

— Estou perdido — pensou. — Os malditos servos fatalmente virão encontrar-me aqui.

E, sem perda de tempo, resolveu arranjar um disfarce qualquer. Sujou o rosto de terra, rasgou as vestes e, ajoelhando-se no chão, fingia um santo faquir absorvido em profunda meditação.

Os seus perseguidores não reconheceram naquele humilde penitente o astucioso ladrão que, pouco antes, havia tentado violar a residência do rico patrão.

E pressurosos levaram a notícia ao dono do palácio:

— Não encontramos as pegadas do ladrão, e o único ser vivo que conseguimos descobrir foi um santo que orava sob uma árvore!

— Um santo em minhas terras! — bradou entusiasmado o proprietário — Que felicidade!

E foi, sem demora, acompanhado da esposa e filhos, levar frutas e doces ao falso anacoreta.

A notícia correu célebre pela cidade. Na manhã

seguinte, crentes, em multidão, foram admirar o extraordinário faquir que vivia no bosque sob uma árvore, com o rosto sujo de terra e as vestes em frangalhos. Deram-lhe muito dinheiro e valiosos presentes.

Ao ser informado da presença do santo, o Príncipe Nahor, que governava a região, assaltado por súbita e devota curiosidade, ordenou que seus oficiais fossem ao bosque e obtivessem do venerando penitente permissão para conduzi-lo ao palácio.

E num carro dourado, à frente de grande cortejo, o audacioso aventureiro foi levado à suntuosa morada do Príncipe Nahor. Pelas ruas, quando o préstito passava, os homens ajoelhavam-se e beijavam fervorosos a terra entre as mãos.

O príncipe recebeu o novo santo com o maior respeito e solenidade, beijando-lhe a ponta esfarrapada da túnica.

— Santo faquir! — exclamou — Só hoje chegou ao meu conhecimento a vossa vida exemplar e modesta de orações e penitências. Desejo que demonstres aos meus queridos súditos a grandeza de vosso poder milagroso. Assim é que vos peço realizeis em minha presença, e na dos ilustres Brâmanes, um milagre prodigioso que robusteça ainda mais a nossa fé e confiança!

Respondeu o falso anacoreta:

— Ó Príncipe! Bem sei que sois generoso e bom, mas só poderei realizar o milagre que acabais de ordenar se prometeres conservar-me sob vosso amparo e proteção! Receio que contra mim se assanhem os ódios exaltados dos incrédulos!

— Asseguro-vos, sob palavra — atalhou o

príncipe — que estais sob a minha proteção e ninguém ousará o menor movimento contra a vossa pessoa. Aquele que tentar contra vós qualquer ofensa ou vingança será castigado impiedosamente.

— As vossas palavras — declarou o ladrão — traduzem a maior garantia que um ser humano pode desejar.

E acrescentou:

— Vou realizar diante de vossos olhos dois espantosos milagres que deslumbrarão os crentes e deixarão humilhados os pecadores. E, com o maior cinismo, narrou ao príncipe as peripécias por que havia passado desde a sua tentativa de assalto à casa do ricaço até sua chegada ao palácio.

— Eis, senhor — concluiu — os dois milagres que prometi.

— Que milagres? — retorquiu o príncipe, tomado de incontido rancor — Não vejo milagre algum, ó cão miserável!

— O primeiro milagre, ó príncipe generoso, foi o seguinte: com um punhado de areia e um pouco de cinza, transformei um ladrão num venerável e virtuoso santo. Depois, narrando a verdade em vossa presença, fiz com que o venerável santo se transformasse, novamente, num ladrão abjeto. Penso que essas extraordinárias metamorfoses que realizei foram altamente milagrosas!

Percebeu o arrebatado príncipe que se achava impossibilitado de castigar o inteligente ladrão, pois havia empenhado a sua palavra, e o aventureiro nada poderia sofrer. Dirigindo-se ao respeitável Sind Avastir, o mais sábio dos seus conselheiros, perguntou-lhe:

— Qual a conclusão moral, ó brâmane!, que poderíamos tirar dessa história? Não resultará dela algum ensinamento útil para o meu povo?

O digno sacerdote hindu respondeu:

— A aventura ocorrida com esse aventureiro que faz jus, aliás, a uma boa recompensa, subministra-nos vários pensamentos e ensinamentos morais. Penso, entretanto, que será mais interessante deixar o público, por si mesmo, tirar do caso as conclusões que achar mais acertadas.

E, nesse sentido, o príncipe lavrou uma sentença que se tornou célebre.

As Quatro Esposas do Cheique

Capítulo I

Até hoje os preclaros e judiciosos *ulemás,* isto é, os sábios doutores que estudam e analisam os mistérios dos Ritos e dos Símbolos, não descobriram a razão de ordem social ou moral pela qual o Corão — o *Livro de Allah* — fixou em quatro o número de esposas legítimas que um bom muçulmano pode trazer para a sombra de seu lar e agasalhar sob o prestígio de seu nome.

Quatro esposas legítimas? Por que não cinco, sete, ou mesmo treze?

Como justificar a preferência por este número quatro, que apesar de ser par e quadrado perfeito não mereceu, como sucedeu com o três, a veneração dos pagãos, nem foi, à semelhança do sete, exaltado

pelos astrólogos e cabalistas?

Estudem os filósofos e matemáticos esse problema que se apresenta, até agora, como insolúvel. A nossa intenção, neste momento, é recordar, apenas, a história de um rico cheique damasceno, chamado Omar Iacir-el-Avraí, nome bastante sonoro que o leitor conseguirá decorar com relativa facilidade.

Narremos o caso.

Na velha cidade de Damasco, esse homem, rico e respeitado, era citado nos meios mais cultos pelas inúmeras qualidades de caráter e pela bondade com que agia em todas as circunstâncias. Havia, entretanto, na vida do cheique Omar Iacir, uma singularidade: — Embora fosse um crente sincero, não atendia a recomendação do Livro! Repelira a poligamia. Omar só tinha uma esposa!

Comentava-se em Damasco a situação anômala daquele homem, moço, rico, que vivia isolado pelo afeto de uma única mulher. Era senhor e dono de um harém tão vazio como o lar de um cristão.

As insinuações maldosas, repetidas pelos cafés, pelos bazares, e murmuradas pelos pátios das mesquitas, chegaram, afinal, aos ouvidos do cheique.

— Marido de uma só esposa!

Sentiu o bom Omar que havia qualquer coisa que sublinhava com a cor cinzenta do ridículo aquele pérfido remoque. Deveria ele, à semelhança de seus irmãos, de seus amigos e patrícios, trazer para o recesso de seu lar, e para a sombra de seu carinho, mais duas ou três lindas criaturas de Allah?

Os pensamentos agitados do cheique

caminhavam pela estrada da dúvida, levados por sinuosa caravana de incertezas, temores e escrúpulos.

Que diria Astir, sua esposa querida, no dia em que ele, impelido por sentimentos materiais e grosseiros, dividisse por quatro um amor que só parecia ser divisível pela própria unidade?!

Essa unidade era a encantadora filha de seu tio, a esposa única e dileta do coração. — Vou consultar Eddin Valliah — decidiu o cheique Omar Iacir.

Capítulo II

Esse Eddin Valliah, que aparece, assim, de repente, sem ser apresentado ao nosso leitor, era figura admirada e elogiada na alta sociedade damascena e ligada, pelos laços matrimoniais a nada menos que quatro famílias ilustres e conceituadas.

A consulta justificava-se. Eddin Valliah era amigo íntimo do cheique.

E, uma tarde, afinal, Omar Iacir deixou seu palácio e encaminhou-se, pelas ruas turbulentas de Damasco, para um café árabe que ficava nas vizinhanças de "Bab el-Feredj". Esse café era ponto de reunião de ricos e ociosos damascenos.

Os vendedores de pistache gritavam:

— "Pistik djedid!"

Uma florista esfarrapada, rosto macilento e escaveirado, puxou-o pelo braço, oferecendo-lhe um ramo de cravos:

— Cheique! *Sallih hamatak!* (Senhor! Isto amansa até uma sogra!).

Omar Iacir não dava atenção aos vendedores ambulantes. Caminhava apressado, desviando-se, cauteloso, dos mendigos andrajosos, dos caravaneiros (com seus odres de pele de cabra) e, dos turcos arrogantes, de turbante verde, que atravessavam a Praça do Serralho em caminho do *hammam.*

Ao chegar ao café, procurou, em tom confidencial, ouvir sobre as novas diretrizes de sua vida a opinião de seu amigo Eddin — que aliava segura experiência a um bom senso pouco comum.

Disse o cheique, vencendo o constrangimento que o invadia:

— Quero que me respondas, sem nada ocultar, com a maior sinceridade, a uma pergunta séria e delicada. Essa pergunta é a seguinte: vives, perfeitamente e inteiramente feliz, em companhia das tuas quatro esposas?

Retorquiu logo Eddin Valliah:

— Não ponho, meu amigo, a menor dúvida em responder a essa pergunta. E, de início, posso dizer-te o seguinte: É difícil encontrar-se, em Damasco, ou em qualquer outro recanto do mundo, marido mais feliz do que eu!

O cheique fitou, deslumbrado, o seu interlocutor. E interpelou-o com veemência, crendo antever a verdade:

— E quais são as razões fundamentais dessa ventura incomparável?

Eddin Valliah, lisonjeado pela delicada pergunta do amigo, sentiu que devia abrir, para aquele companheiro de vinte anos, o *haik* de suas confidências.

— Para explicar as coisas mais simples da vida — declarou, garbosamente, o nobre Eddin — é preciso resumir. Toda clareza reside na síntese e a síntese exige tempo e meditação. No momento, porém, estou com muita pressa e não tenho tempo para resumir, como seria conveniente, a resposta que pretendo formular para atender ao teu pedido. Senta-te, pois, pede um pistache gelado e escuta com atenção o que eu vou dizer.

Capítulo III

E depois de ligeira pausa, o simpático muçulmano começou:

— Confesso que me sinto feliz com as quatro esposas que escolhi. Vou aludir a cada uma separadamente. Amine, a primeira, é linda como o terceiro anjo que acompanhou Maomé; seus olhos são claros, seus cabelos castanhos, como a polpa de uma tâmara; seu sorriso é como a aurora. Louvado seja Allah, que reuniu todos os encantos e perfeições sob as linhas da Formosura Sinto-me seduzido pelos encantos e pela graça de Amine, a mais perfeita *Set-El-Hosn* da Síria! Falarei, a seguir, de Leilah, que é a segunda. É inteligente e viva. É graciosa e elegante. O seu talhe esbelto lembra a perfeição da letra *alef.* Sua palestra variada é encantadora. Lê romances franceses e comenta livros de arte e de poesias. Canta com rara perfeição e sabe arrancar, das cordas de seu violino, melodias que comovem e arrebatam. E Roxana? Roxana, a terceira, não é formosa como Amine e não tem o talento cativante de Leilah. É, porém, delicada e meiga; cuida, com extraordinário desvelo, dos filhos e dos arranjos da casa. Tem por mim uma grande e constante amizade. É delicada, modesta e diligente. Sinto que não posso viver sem o amor de Roxana. Não deixarei, finalmente, de referir-me a Norah, a

quarta esposa (a primeira, aliás, pela data do casamento). Norah tem sido, para mim, uma preciosa companheira. É rica. Trouxe, para a economia de nossa casa, valioso pecúlio, que eu tenho procurado multiplicar com cautela e habilidade. Sente-se feliz a meu lado e procura ajudar-me e orientar-me com seus prudentes conselhos em todos os negócios. Seus parentes são opulentos, prestigiosos, e do auxílio deles, mais de uma vez, tenho me valido. A verdade deve ser dita: Sem o amparo de Norah, eu estaria arruinado!

E, depois de curta pausa, Eddin Valhah retomou pelo caminho de suas confidencias.

— Eis aí, meu amigo, as delicadas razões que formam a base da minha felicidade conjugai. Delicio-me com a beleza de Amine; encanto-me com o talento de Leilah; Roxana, a mãe extremosa, é a serenidade da minha vida e vejo, em Norah, a garantia presente e a segurança de meu futuro. Estarás, afinal, resolvido a seguir o meu exemplo?

— Ainda não sei... — hesitou o cheique. — Tenho dúvidas, muitas dúvidas, sobre o caso. A vida tem faces sentimentais que me parecem obscuras.

Omar Iacir, ao proferir murchamente aquelas palavras vagas, incertas, não era sincero. E fugia mesmo à verdade. A resolução máxima de sua vida estava tomada. Voltar imediatamente para casa e pedir à boa Astir perdoasse a leviandade que o impelira à pensar em novos casamentos.

Seria uma loucura! Ao ouvir, no fundo do café, as palavras do prudente amigo (quatro vezes casado), reconheceu que sua delicada Astir reunia todas as perfeições das quatro esposas que aureolavam a vida do marido feliz.

Era linda como Amine; em inteligência, e mesmo cultura, estava bem acima de Leilah; muito mais meiga, por certo, que Roxana e mais rica do que a orgulhosa Norah. Para que iria ele buscar novos zelos e contrariedades se sua esposa valia, na verdade, não por uma, mas por quatro?

Há, na vida dos homens, um terceiro segredo que até hoje os *ulernás,* isto é, os sábios, não souberam decifrar.

Qual é o gênio oculto e poderoso que leva o marido sentimental, apaixonado, a descobrir e a reconhecer, em sua esposa, os múltiplos predicados e encantos que adornam as esposas de seus amigos?

Por Allah! Que gênio será esse, ó irmão dos árabes!, que inspira o bom marido e assegura a felicidade do lar?

A poligamia entre os muçulmanos (Humberto Mesentier) — Na surata IV (versículo 3) do Corão, encontra-se esta notável determinação de Allah: "Aquele que não receia ser injusto aos olhos dos órfãos pode esposar duas, três ou quatro esposas". A poligamia, como vemos, é permitida ao crente do Islã. Convém não esquecer que, para o muçulmano, as palavras do Corão exprimem os decretos de Allah Onipotente.

A poligamia, outrora aceita pelos árabes muçulmanos, está hoje praticamente abolida. Só se verifica entre os beduínos e em algumas cidades do interior.

O Herdeiro Legítimo

Um israelita rico, que vivia em sua bela propriedade, para além de Ascalon, muito longe de Jerusalém, tinha um filho único, que mandou para a Cidade Santa a fim de se educar. Durante a

ausência do jovem, o pai adoeceu repentinamente. Vendo a morte aproximar-se, fez o seu testamento pelo qual instituiu como seu universal herdeiro a um escravo ascalonita, de sua confiança, com a cláusula que a seu filho seria permitido escolher da rica propriedade uma coisa, e uma coisa só, que ele quisesse. Assim que o seu senhor e dono morreu, o escravo, exultando de alegria, por se sentir proprietário das casas, terras e rebanhos, correu a Jerusalém para informar o filho do que se tinha passado, e mostrar-lhe o testamento. O jovem israelita ficou possuído do maior desgosto ao ouvir essa notícia inesperada, rasgou o fato, pôs cinzas na cabeça e chorou a morte do pai, que amava ternamente, e cuja memória ainda respeitava. Quando os primeiros arrebatamentos de sua dor tinham passado e os dias de luto acabaram, o jovem encarou seriamente a situação em que se encontrava. Nascido na opulência e criado na expectativa de receber, pela morte do pai, as propriedades a que tinha direito, viu ou imaginou ver as suas esperanças perdidas e as suas perspectivas malogradas. Nesse estado de espírito, foi ter com o seu professor, um rabi afamado pela sua piedade e sabedoria, deu-lhe a conhecer a causa de sua aflição e fê-lo ler o testamento; e na amargura do seu desgosto atreveu-se a desabafar os seus pensamentos — que o pai, fazendo tal testamento, e dispondo tão singularmente de seus bens, não tinha mostrado bom senso nem amizade pelo filho.

— Não digas nada contra teu pai, meu jovem amigo — declarou o piedoso rabi — teu pai era ao mesmo tempo um homem dotado de grande sabedoria e a ti, especialmente, de uma dedicação sem limites. A prova mais evidente é este admirável testamento.

— Este testamento! — exclamou o jovem torcendo os lábios em expressão de amargura. —

Este deplorável testamento! Convencido estou, ó rabi!, de que não falas agora com o discernimento de um homem esclarecido. Praticou meu pai uma injustiça. Não vejo sabedoria em conferir os seus bens a um escravo, nem amizade em despojar seu filho único dos seus direitos legítimos, de acordo com o *Torah.*

— Teu pai nada disso fez! — rebateu com segurança o Mestre — Mas, como pai justo e afetuoso, garantiu-te, nos termos deste testamento a propriedade plena de tudo, casas, terras e rebanhos, se tiveres o bom senso de interpretar com acerto as cláusulas testamentárias.

— Como? Como? — perguntou o jovem, com o maior espanto. — Como é isso? Cabe-me a propriedade integral? Na verdade, não compreendo!

— Escuta, então — acudiu o rabi. — Escuta, meu filho, e terás muito para admirar a prudência de teu pai. E no coração do prudente repousa a sabedoria. Quando viu teu bondoso pai a morte aproximar-se, e certo de que teria de seguir o caminho que todos seguem mais cedo ou mais tarde, pensou de si para consigo: "Hei de morrer; meu filho está longe demais para tomar posse imediata de minha propriedade; os meus escravos, assim que se certificarem de minha morte, saquearão a minha casa e, para evitar serem descobertos, hão de esconder a minha morte a meu querido filho e, assim, privá-lo até da triste consolação de chorar por mim".

— Para evitar que a propriedade sofresse dano — prosseguiu o rabi — teve teu saudoso pai uma idéia genial. Deixou todos os bens a um escravo, que, decerto, teria o maior interesse em tomar conta de tudo e zelar pela segurança de todos os bens. Para evitar que o escravo, homem de sua

confiança, conservasse, em sigilo, a morte do amo, estabeleceu a condição que poderias escolher qualquer coisa da propriedade. O escravo, pensou ele, para assegurar o seu, aparentemente legítimo direito, não deixaria de te informar, como de fato ele o fez, do que acontecera.

— Mas, então — teimou o jovem, um pouco impaciente — que proveito tirarei de tudo isso? Qual é a vantagem que poderá resultar para mim? O escravo ascalonita não me restituirá, com certeza, a propriedade de que tão injustamente fui despojado! Ficará, como determinou meu pai, dono das terras e dos rebanhos.

O judicioso rabi respondeu com serenidade:

— Vejo que a Sabedoria reside apenas nos espíritos amadurecidos pela idade. Sabes que tudo quanto um escravo possui pertence ao seu dono legítimo? E teu pai não te deu a faculdade de escolher, dos seus bens, isto é, da herança, qualquer coisa que quisesses? O que te impede de escolher aquele próprio escravo ascalonita como parte que te pertence? E possuindo-o, terás, de acordo com a Lei, pleno direito à propriedade toda. Sem dúvida era esta a intenção de teu pai.

O jovem israelita, admirando a prudência e a sabedoria do pai, tanto como a argúcia e a ciência do seu Mestre, aprovou a idéia. Nos termos do testamento, e na presença de um juiz, escolheu o escravo como sua parte e tomou posse imediata de toda a herança. Depois do que, concedeu liberdade ao escravo, que foi, além disso, agraciado com rico presente.

E assim podemos ler entre os provérbios que figuram no Livro Santo:

“A Sabedoria vale mais do que as pérolas e jóia alguma a pode igualar”.

E mais:

“Quem acha a Sabedoria encontra a vida e alcança o favor do Senhor”.

****